

CB
26/6/98 15
2φ3

Aprendizagem à moda da floresta

Método de ensino utilizado no interior da Amazônia usa as árvores e a pesca em aulas adaptadas à realidade dos alunos

Humberto Rezende
Enviado Especial

Macapá (AP) — Levar em conta a realidade que cerca os alunos é fundamental para que a escola ofereça uma educação que prepare a criança para o futuro. No meio da Amazônia, aprender a construir barcos de pesca é uma questão de sobrevivência. A seringueira, por exemplo, pode se transformar em um ótimo instrumento para o professor ensinar história e matemática. Projetos educacionais desenvolvidos para as crianças que moram no interior da floresta tentam adaptar o currículo escolar à realidade e necessidades dos estudantes, muito diferentes dos que vivem entre edifícios e ruas asfaltadas.

Numa terça-feira de manhã, Jaqueline dos Santos, 11 anos, estava contente porque não precisaria ir morar na capital e, provavelmente, ser empregada doméstica, como suas irmãs mais velhas. Seus planos agora são outros: "Vou ser professora", diz, tímida.

Era 9 de junho e as sete mil pessoas que habitam as oito ilhas do arquipélago de Bailique, no Amapá — a 150km (dez horas de barco) da capital Macapá — se preparavam para a festa de inauguração da escola Bosque, projeto de educação ambiental idealizado pelo sociólogo José Mariano Klatau, paraense contratado pelo governo do Amapá para coordenar esses tipos de programas.

As escolas oferecem 1º e 2º grau profissionalizantes, de acordo com as necessidades de cada lugar.

No caso, os alunos de Bailique poderão escolher entre engenharia de pesca — onde aprenderão a maior atividade econômica da região —; ecoturismo, uma atividade que começa a ser explorada; e ma-

gistério, o curso que Jaqueline sonha em fazer.

Mariano Klatau defende uma educação diferenciada para os povos da floresta para que seja preservada a cultura da população.

"A pesca começava a ser ameaçada, porque só os mais velhos dominam, por exemplo, a técnica de construção dos barcos. Passa a ser responsabilidade da escola ensinar os jovens. Uma questão de sobrevivência para a comunidade", exemplifica Klatau.

Antes, Bailique tinha apenas uma pequena escola de ensino fundamental. Os jovens que quisessem estudar além da 4ª série eram forçados a se mudar para a cidade, o que era muito comum, segundo o líder comunitário do arquipélago, Paulo Chagas. No dia da inauguração da escola, 60 jovens já haviam voltado para casa para estudar na escola. Outros, como Jaqueline, nem precisarão sair.

As aulas seguem a didática que Mariano Klatau chama de método Sócio-Ambiental. "A intenção é integrar o homem e a natureza. A floresta é uma grande sala de aula. A lição começa com o aluno vendo a árvore e todo o conhecimento que seus pais têm sobre ela. Unimos o conhecimento popular com o saber científico", explica.

SERINGUEIRA

Essa fala soa familiar para Manoel Estébio, coordenador de educação do Centro dos Trabalhadores do Amazonas (CTA), fundado há 15 anos pelo seringueiro Chico Mendes — morto há quase dez, e um dos maiores defensores do desenvolvimento integrado com a natureza na Amazônia.

O CTA mantém, com o apoio do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e da Fundação Abrinq, 37 escolas para as crianças



de oito municípios no interior do Acre — alguns a três dias de carro do centro urbano mais próximo.

A idéia inicial era alfabetizar e preparar os seringueiros que trabalham na região para embates com os latifundiários.

"Mas eles começaram a mandar os filhos no lugar deles", conta Es-

tébio, formado em Letras e com pós-graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Acre.

Partindo da tradição oral, que domina os hábitos da população, as aulas privilegiam as discussões em sala de aula. O tema gerador é a natureza. "A partir da seringueira, por exemplo, estudamos várias

matérias. A história econômica da região, ecologia e botânica. A partir do nome da árvore, propomos lições de português. Em matemática, usamos as sementes para fazer contas", descreve Estébio.

O maior desafio é conseguir professores capacitados para a tarefa. Como não se tratam de escolas públicas do estado, as pessoas que ensinam são da própria comunidade — e com algum grau de instrução. Para vencer a falta de preparo dos professores, foi criado um centro de treinamento em Xapuri, onde recebem um curso de formação de 20 dias para aprender a metodologia de ensino. A cada bimestre, eles assistem a quatro dias de aula de um professor modelo.

As escolas do CTA hoje atendem a mais de 600 crianças e 300 adultos. Há na região cerca de 1200 crianças em idade escolar, mas Estébio diz que muitos pais ainda preferem que elas trabalhem para ajudar na renda familiar.

Dados sobre educação no interior da Amazônia são escassos. Segundo Ofélia Ferreira, oficial do Unicef na Amazônia, as estatísticas

oficiais só incluem as populações das áreas urbanas porque consideram que a ausência das zonas rurais pode ficar dentro de uma margem de erro aceitável. "Mas assim fica difícil traçar uma meta de políticas públicas eficaz para a região", ressalta. O Unicef é parceiro de cerca de 40 projetos governamentais que beneficiam crianças na Amazônia.

Integração entre índios e brancos

Na área de educação, outro programa que merece atenção por sua simplicidade e beleza envolve os índios waiãpi, que vivem na Serra do Navio, no Amapá, e as crianças dos municípios de Tucano I e II e Riozinho, vizinhos à reserva indígena. A meta principal é integrar as duas comunidades, desconfiadas uma da outra.

Apesar de não ser uma zona de conflito, a relação entre índios e brancos não era exatamente de amizade. Os índios sempre tiveram muita desconfiança do *karaiko* — homem branco, em *nheengatu*, língua do tronco tupi —, interessado em garimpar nas suas terras.

Para promover a integração cultural entre os dois povos, o diretor da escola de Tucano I, Rosivan Silva, convidou os professores indígenas da aldeia a filmarem a vida das crianças waiãpis. Feito o filme — que leva o nome *Mirakatu* (boa gente) — os professores Makaratu, Japaropi e Kaitona foram até a cidade mostrar o cotidiano dos índios às crianças brancas e responder as suas dúvidas.

O contato com os brancos também é filmado, e os professores indígenas voltam à sua tribo para mostrar às crianças índias como é a vida das crianças brancas. A curiosidade é grande.

Cleisiane Costa, 9 anos, aluna da 1ª série da escola de Tucano I, admite que sentia um pouco de medo dos índios, mas gostou muito de poder conversar com eles. "Eles pescam, plantam mandioca e bebem", conta, ao lado do desenho que fez para a mostra de trabalhos sobre os índios que a escola organizou.

Para Kaitona, o intérprete da aldeia, o trabalho é importante porque "fez com que o índio e o branco ficassem mais amigos". "Agora *karaiko* não pergunta mais pra gente: 'O que é o índio?'", encerra o cacique Tucumaré Waiãpi. (HR)